A AOTP, os EUA e a internacionalização da língua portuguesa: uma entrevista com Luis Gonçalves

The AOTP, THE USA and the internationalization of the Portuguese language: an interview with Luis Gonçalves

Luis Gonçalves
Princeton University - EUA
https://www.luisgoncalves.net/home
lgoncalv@princeton.edu

Jefferson Evaristo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
https://orcid.org/0000-0002-7561-5400
jefferson.evaristo@uerj.br

Convidamos Luís Gonçalves, professor da Universidade de Princeton, EUA, e presidente da AOTP, a *American Organization of Teachers of Portuguese*, para conversar conosco acerca do papel de sua associação e das políticas linguísticas de internacionalização da língua portuguesa.

Luis Gonçalves tem doutoramento em Línguas Românicas – Português (2009), com especialização em Estudos da Comunicação e certificação em Estudos Culturais pela Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill, EUA, e Mestrado em Literatura Luso-Brasileira (2000) pela mesma universidade. É ainda Licenciado em Ciências da Comunicação (1995) pela Universidade Fernando Pessoa, Portugal.

Atualmente, é professor no Departamento de Espanhol e Português da Princeton University (2010-presente) e diretor da Middlebury Portuguese School (2022-presente). Sua pesquisa foca nas Culturas e Civilizações Lusófonas e nas suas dinâmicas transatlânticas, assim como incluem a Metodologia de Línguas Estrangeiras e a Aquisição de Segunda Língua. Além de ter publicado artigos e editado vários livros, tem organizado painéis, mesas redondas e conferências sobre o ensino de português como língua estrangeira e Culturas Lusófonas.

Outra de suas frentes de trabalho são as ações de formação a professores de português como língua estrangeira nos EUA, Portugal, Brasil e Canadá. Faz parte do Comitê Editorial do Portuguese Language Journal, é diretor executivo do evento anual Encontro Mundial sobre o Ensino de Português

(2012-presente), presidente da American Organization of Teachers of Portuguese (2014-presente) e presidente do NCOLCTL - National Council for Less Commonly Taught Languages (2020-presente).

Já foi convidado para dezenas de conferências e palestras internacionais, possui grande número de publicações escritas (artigos, capítulos e livros organizados) e é, talvez, o nome mais conhecido e respeitado do ensino de língua portuguesa nos EUA.

Na sequência, os leitores podem encontrar um pouco de nossa conversa.

Um pouco de história...

Jefferson Evaristo: Conte-nos um pouco de como foi, anos atrás, seu início na área? O que o levou a se dedicar ao contexto de português como língua não materna? Por que não o contexto de língua materna?

Luis Goncalves: No meu último ano na Universidade Fernando Pessoa, em Portugal, tivemos como professora convidada do curso de Comunicação científica a Professora Monica Rector, da Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill. No final do semestre, ela falou com alguns dos alunos sobre a possibilidade de fazer mestrado e doutoramento com ela nos Estados Unidos. Em 1997, entrei no programa do Departamento de Línguas Românicas da Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill que, para além dos cursos de graduação, treina os mestrandos e doutorandos em metodologia de línguas estrangeiras, já que faz parte do treinamento enquanto educadores dar aulas de língua estrangeira nas respectivas línguas durante o mestrado e doutorado. Tive o grande privilégio de ser treinado pela Professora Glynis Cowell, uma grande e respeitada especialista tanto no ensino quanto na produção de material didático para as línguas estrangeiras, mais especificamente, no espanhol. Então, devido a esse percurso, o ensino de português como língua materna nunca fez parte da minha trajetória.

Jefferson Evaristo: Desde sempre, sua atuação foi em prol de uma maior visibilidade e expansão para a língua portuguesa. Essa dimensão acontecia de maneira natural, sem que o senhor a percebesse, ou foi planejada?

Luis Goncalves: Quando cheguei aos Estados Unidos, deparei-me imediatamente com a disparidade de recursos e oportunidades disponibilizados para o ensino de português em comparação ao ensino de outras línguas com igual ou menor número de falantes; apesar das expectativas e demandas para

os professores de português serem as mesmas. Assim, desde o início, a minha atuação tem sido deliberadamente estratégica para reverter essa situação. Apesar de continuarmos a ter menos recursos, há muito que podemos fazer de forma colaborativa, maximizando os recursos de forma que todos nos beneficiamos e multiplicamos o impacto do nosso trabalho.

Jefferson Evaristo: Quais desafios enfrentou no início? Havia outros interlocutores e agentes a seu lado? Quem?

Luis Goncalves: O maior desafio talvez tenha sido a falta de uma articulação profissional entre os professores de português que permitisse um trabalho colaborativo vigoroso. Infelizmente, os preconceitos linguísticos que predominam nas sociedades de língua portuguesa também estão presentes na nossa área, o que se traduz também numa dificuldade em radicar o ensino de português no pluricentrismo. No entanto, quando a nossa ação é baseada em respeito, inclusão e diversidade, os colegas que acreditam nesses princípios naturalmente se aproximam e tudo se desenrola espontaneamente. Quanto mais experiências positivas de colaboração e cooperação, mais as oportunidades se multiplicam. Na AOTP – *American Organization of Teachers of Portuguese* – encontrei esses colegas. A colaboração central à atividade da organização tem promovido a criatividade, perspectivas e inovação que são tão intrínsecas aos professores e ao ensino de português. E esse tipo de colaborações não podem ser subestimadas. Os melhores colegas da área entendem que a colaboração oferece muitos benefícios e oportunidades. Ou seja, esse trabalho tem-me permitido estabelecer amizades com colegas extraordinários, o que nos ajuda mutuamente a ter confiança no nosso trabalho e torna muito fácil pedir e oferecer ajuda quando é preciso. Tenho tido o privilégio de trabalhar com colegas com habilidades complementares ou contrastantes às minhas; com ideias e pontos de vista inovadores para resolver problemas que temos em comum de maneiras mais eficientes e eficazes. Educamos e aprendemos uns com os outros, desenvolvemos habilidades juntos com uma camaradagem que aumenta muito a nossa produtividade.

A AOTP, o EMEP e outras iniciativas

Jefferson Evaristo: O senhor é atualmente o presidente da AOTP, a *American Organization of Teachers of Portuguese*. Por que a decisão de criar uma associação?

Luis Goncalves: Sou o atual presidente da AOTP. A organização foi criada na Florida em 2007 por seis professoras daquele estado: Anete Arslanian, Beatriz Cariello, Leila da Costa, Adriane Silva, Carmen Spangerberg e Lenita O'Rourke. São nomes que repito sempre que tenho oportunidade

porque todos os professores de PLE nos EUA têm uma grande dívida para com elas. Acredito que a organização foi criada porque elas também sentiram que a falta de articulação profissional entre os professores de português nos Estados Unidos, a que me referi antes, era uma grande oportunidade perdida na nossa área, e acreditaram que juntando os colegas em atividades profissionais, todos poderiam se beneficiar. Isso não era devido à falta de organizações na área dos estudos de português, mas à falta de ações significativas.

Jefferson Evaristo: Quais as ações atuais da AOTP?

Luis Goncalves: A AOTP organiza oficinas sobre inovação no ensino e aprendizado de línguas estrangeiras, com foco específico no português; organiza uma conferência anual, o EMEP – Encontro Mundial sobre o Ensino de Português, onde são apresentadas metodologias e abordagens inovadoras, novas pesquisas em aquisição de segunda língua e metodologias de línguas estrangeiras, estudos de caso, materiais de ensino e avaliação, e que serve como um importante espaço para diálogo que dá origem a muitas colaborações interinstitucionais; promove uma competição nacional entre alunos de português como língua estrangeira, que pretende dar maior visibilidade aos programas de língua portuguesa; e dá bolsas de pesquisa e publicação aos colegas que focam a sua pesquisa no ensino de português como língua estrangeira, entre outras coisas.

Jefferson Evaristo: Como ações diretas de seu trabalho e da AOTP, posso citar duas grandes iniciativas de promoção da língua portuguesa. A primeira é a criação do *Portuguese Language Journal*; a segunda é a organização do EMEP, o Encontro Mundial de Ensino de Português. Qual foi a motivação inicial para que essas ações acontecessem?

Luis Goncalves: O EMEP teve um desenvolvimento orgânico respondendo às participações dos colegas. Começou em 2012 como uma mesa no evento da Fundação Focus Brasil na Flórida, e a ideia foi proposta pelo extraordinário Carlos Borges, que é quem movimenta a fundação a nível internacional. O interesse por essa mesa foi grande e vieram muitos colegas, o que nos motivou a lançar uma chamada de trabalhos no ano seguinte que recebeu quase 100 propostas. Isso demonstrou uma significativa vitalidade na nossa área e a necessidade de um espaço para a promover. O terceiro encontro na *Columbia University*, NY, duplicou os números do segundo; o quarto, em *Georgetown University, Washington* DC, duplicou os números de propostas do anterior. Isso mostrou a necessidade e interesse nos Estados Unidos por um espaço dedicado exclusivamente à pesquisa do ensino da língua portuguesa. Vamos agora na 11ª edição do encontro, que já foi realizado na *University of California, Berkeley, CA, Florida International University, Miami, FL, University of*

Pittsburg, PA, Princeton University, NJ, online duas vezes, e no próximo será na *Harvard University*, MA. A nossa motivação continua a ser disponibilizar aos colegas que ensinam português nos Estados Unidos e no mundo (participaram colegas de mais de 40 países), um espaço inovador de intensa colaboração e cooperação.

Como organização profissional, a AOTP precisava ter uma publicação para a profissão, um jornal profissional e acadêmico dirigido especificamente aos professores de PLE, com artigos de pesquisa, relatórios e artigos práticos aplicáveis à profissão, revisados por pares. Os periódicos profissionais são uma fonte importante de pesquisa para a profissão. O *PLJ – Portuguese Language Journal* foi criado pela Professora Mary Risner da Universidade da Flórida, em 2006. O PLJ tinha algumas dificuldades em receber propostas para publicação e quando a AOTP ponderava criar um novo periódico, pareceu-nos que seria irrealista criar uma segunda publicação e também não queríamos de forma nenhuma ter um impacto negativo no PLJ que o colocasse em perigo. Conversando com a Professora Risner, ela gentilmente cedeu o PLJ à AOTP, que desde 2016 publicamos anualmente, e tem como objetivo promover a pesquisa no ensino de português, em particular como língua estrangeira. Então para mim, tanto o EMEP quanto o PLJ significaram um processo de amadurecimento e profissionalização que acompanhou o processo de consolidação da AOTP a nível nacional e internacional.

Jefferson Evaristo: Em que medida o senhor crê que o *Portuguese Language Journal* e o EMEP podem colaborar para o cenário de formação internacional de professores e especialistas no ensino de língua portuguesa?

Luis Goncalves: Tanto um quanto o outro são espaços de diálogo e partilha do que mais inovador se faz na nossa área. A AOTP tem parcerias com várias organizações de professores de português em outros países, de modo que os membros dessas organizações podem participar do EMEP e beneficiar-se das informações e recursos compartilhados sem encargos acrescidos; inclusive, os dois últimos EMEPs, que foram online, têm todas as apresentações gravadas e disponibilizadas nos respectivos websites. Por outro lado, o PLJ é um periódico disponibilizado em acesso aberto a todos os colegas.

Jefferson Evaristo: Recentemente, tivemos a notícia de que haveria a organização em 2022[1] da Primeira Conferência das Associações de Professores de Português, o 1CAPP2022. O evento contará com doze associações presentes na América do Norte, América do Sul e Europa. O que se espera para essa articulação entre as associações e para o evento em si?

Luis Goncalves: Essa conferência não recebeu muitas propostas, talvez pela fadiga de eventos online, e vai ser adiada. Para a AOTP, é muito importante entender os modelos associativos das outras organizações e aprender com elas, e das atividades que desenvolvem, para nos certificarmos que não temos áreas de atuação de interesse para os nossos membros que estamos a negligenciar. Por outro lado, para nós, é muito importante o diálogo com colegas que ensinam falantes de língua inglesa e de língua espanhola em outras partes do mundo e que desenvolvem práticas específicas para essas duas populações, que são a maioria dos nossos alunos nos Estados Unidos; e também manter um diálogo aberto com colegas que trabalham em outras partes do mundo e que enfrentam os mesmos problemas de falta de alunos, falta de materiais, falta de formação profissional e compartilhar estratégias para ultrapassar essas limitações.

Pessoalmente, gostaria que um dia se formasse uma federação de organizações de professores de português que pudesse articular junto a órgãos governamentais as necessidades e especificidades do ensino de língua portuguesa a estrangeiros, e que informasse a partir das nossas diversas experiências políticas concretas para a internacionalização da nossa língua.

Jefferson Evaristo: O senhor é também presidente do NCOLCTL - National Council for Less Commonly Taught Languages. Essa aproximação com outras línguas pode ser benéfica à língua portuguesa?

Luis Goncalves: Este é o meu último ano como presidente do NCOLCTL, o concelho de línguas menos ensinadas nos Estados Unidos, em que a AOTP representa a língua portuguesa, ao lado de outras organizações profissionais de outras línguas. Os programas de língua portuguesa são geralmente muito pequenos; é mesmo muito comum terem só um professor. Sozinhos, temos pouco peso político dentro das instituições porque somos um voto solitário quando chega a decidir como distribuir os recursos disponibilizados. Os programas de línguas com mais professores acabam por dividir os recursos entre eles. No entanto, em muitos casos, o professor de árabe, iorubá, urdu, swahili, chinês, russo, hindi, grego, etc., é também o único e muito provavelmente tem os mesmos problemas de recrutamento de alunos, escassez de material e pouca formação profissional. Individualmente, não

[1] Por motivos diversos, o evento foi adiado. Optamos, entretanto, por manter registrada a resposta e indicar nesta nota sobre o adiamento.

temos peso nenhum, mas se votarmos todos juntos pelos nossos interesses comuns, temos um peso que não pode ser ignorado. A aproximação aos colegas das outras línguas só nos pode beneficiar. Juntos, podemos promover o estudo das nossas línguas, podemos criar e compartilhar recursos e inovação, e podemos organizar formação profissional de interesse para todos; e é para esse tipo de colaboração que o concelho trabalha e disponibiliza recursos, ao mesmo tempo que disponibiliza uma editora focada exclusivamente em publicar material didático para estas línguas, que são tantas vezes rejeitas pelas grandes editoras que não veem nelas a possibilidade de grandes lucros.

O agora e o amanhã

Jefferson Evaristo: Hoje, a pandemia criou um cenário em que, necessariamente, todos precisaram se preocupar mais com tecnologias e suas aplicações no ensino. Porém já há muitos anos, o senhor mantém um site com suas publicações, projetos e materiais, estando, por assim dizer, antecipado a seu tempo. Seria a internet hoje o caminho imediato para a formação e prática de um futuro profissional de nossa área? Quais as possibilidades?

Luis Goncalves: Depois de participar de uma formação para professores de português em que uma colega que dá aulas no ensino secundário compartilhou, muito frustrada, que outras línguas têm muitos materiais de qualidade disponíveis online e comercialmente, e que os professores de português têm que constantemente criar tudo desde a raiz, comecei a compartilhar os meus materiais didáticos online. O que descobri é que quanto mais compartilho, mais os colegas compartilham comigo. Isso mostra que a internet é o que nós fizermos dela e pode sim ser um espaço de formação e prática, se for para isso que a utilizarmos.

Em relação à formação, antes da pandemia, eu já tinha dado aulas a militares e diplomatas usando uma plataforma semelhante às que estão agora disponíveis, ou seja, a pedagogia de ensino à distância já tem um historial e arcabouço teórico que podemos e devemos explorar; e a AOTP já tinha organizado tanto uma série de oficinas profissionais quanto um simpósio de Português como Língua de Herança completamente online usando o ZOOM. Então, já temos modelos e exemplos, e nos últimos dois anos, tanto a prática quanto a pesquisa multiplicaram-se e desdobraram-se em exemplos muito bem-sucedidos que podem e devem fazer parte do ensino e aprendizado de PLE.

O meu único alerta é que o aspecto presencial do ensino e aprendizado da língua portuguesa tem que continuar a ser o centro da nossa atividade. O virtual tem um espaço ou conquistou um espaço novo, sem sombra de dúvida, mas os nossos alunos aprendem para interagir em carne e osso frente a falantes da língua portuguesa, e a situação de comunicação em língua estrangeira, a socialização em

português, é muito complexa e envolve muitos elementos que a bidimensionalidade do virtual não os permite reproduzir.

Jefferson Evaristo: Pode nos contar um pouco de seus projetos futuros?

Luis Goncalves: A nível profissional, o meu plano imediato é terminar os meus mandatos na AOTP e no NCLCTL e descansar, porque nos últimos dois anos o trabalho parece ter-se multiplicado e no mundo virtual tudo parece mais imediato, quase não temos tempo para respirar, tudo é para ontem, e eu preciso de me afastar por um tempo desse *stress*. Depois, tenho três projetos, que estão parados há anos, que vou terminar: um livro didático para o ensino de PLE, um livro para a formação professores de PLE, e um curso online para professores de PLE. Para além disso, o meu plano é ainda publicar toda pesquisa que desenvolvi ao longo dos anos sobre o ensino e aprendizado de PLE.

A nível pessoal, vou procurar encontrar-me mais frequentemente com os meus colegas e amigos. Detesto o isolamento, sou muito social, gosto de estar com pessoas, alimento-me da energia que um grupo de professores ou amigos automaticamente gera, e sinto muito a falta de estar com as pessoas que admiro em ambientes desafiadores em que as discussões teóricas e práticas me enchem de motivação e fazem a minha imaginação correr, e em que nas conversas informais damos conselhos ou desabafamos, o que nos ajuda a colocar as coisas em perspectiva e a criar a resiliência para lidar com o inesperado.

Jefferson Evaristo: Quais as expectativas para a promoção da língua portuguesa que o senhor vislumbra para os próximos anos?

Luis Goncalves: O ensino de português como língua materna, estrangeira e de herança fez um salto metodológico invejável nas últimas décadas. No entanto, há muitas resistências à mudança que precisamos ultrapassar. A minha expectativa é que a diversidade da língua portuguesa seja o centro das nossas aulas, sobretudo nas aulas de língua materna, porque a promoção da língua portuguesa significa, para mim, a promoção de todas as variantes da língua portuguesa e não apenas as normas dominantes. A minha expectativa é que as variedades africanas e asiáticas da língua portuguesa se consolidem como polos produtores de norma da língua e que a pluricentralidade da língua portuguesa tome finalmente o seu lugar como o centro do ensino de português como língua estrangeira. Espero ainda que o português como língua de herança se alimente das variedades nacionais e da pluricentralidade quando apropriado.

Finalmente, espero que as políticas de promoção da língua portuguesa sigam essas linhas. Tenho uma visão otimista do futuro. Fui convidado a fazer parte do Observatório do Português como Língua Estrangeira, que é formado por colegas de todo o mundo, cujo trabalho respeito profundamente, e é essa a visão dominante nesse projeto e entre esses grandes profissionais. Acredito que os vários projetos em curso irão ter um grande impacto na qualidade do ensino de português.

Jefferson Evaristo: Gostaria de deixar uma palavra final para nossos leitores?

Luis Goncalves: Para os leitores professores de português, envio o meu maior abraço e declaro o meu maior respeito pelo trabalho que desenvolvem dentro e fora dos países de língua portuguesa. Celebro os incríveis saltos metodológicos que vocês têm realizado e que começam a colocar a nossa atividade como produtora de conhecimento, como referência que informa a prática e pesquisa nas outras línguas. Há umas décadas, isso não se vislumbrava. Há muito que é exigido aos professores de português; no momento de investir em nós, estamos muitas vezes sozinhos, mas na cobrança aparece toda a gente. A pandemia exacerbou essas dinâmicas dramaticamente, afinal, pediram-nos que em meras semanas reinventássemos sistemas educativos inteiros, o que veio acompanhado de uma avalanche de trabalho posterior. Tudo isso tem um grande impacto na nossa saúde mental, nos nossos relacionamentos, na nossa família, no nosso bem-estar físico. Eu sei que somos treinados para nos colocarmos em último lugar, mas tomem conta de vocês. Há momentos em que temos que nos colocar em primeiro lugar, em que o bom não tem que ser perfeito, em que temos que nutrir o que nos sustenta como pessoas primeiro e como professores depois. Hoje, depois de lerem isso, por razão nenhuma, abracem todos os membros das vossas famílias e digam-lhes que eles são muito importantes para vocês. A segunda versão é para amanhã.

Para os outros leitores, saibam que existe um largo número de colegas a trabalhar nesse preciso momento no ensino de português como língua estrangeira e/ou de herança, em quase todos os países no mundo, e que todos os dias criam embaixadores da nossa língua e das nossas culturas que vão estar nos espaços de poder onde decisões que nos afetam a todos são tomadas; são esses professores que viabilizam as interações pessoais, comerciais, diplomáticas, etc. positivas que nos conectam ao resto do mundo. A atividade de todos esses colegas é fundamental, num mundo globalizado, para o maior sucesso das nossas sociedades em vários níveis, e o mínimo que podemos fazer é ser os campeões desde profissionais e da sua causa, e vocês podem sê-lo das formas mais inesperadas: através dos eventos em que participam, dos produtos que compram, das opiniões que expressam e das informações que compartilham.

Jefferson Evaristo: Muito obrigado por essa conversa, professor.